

**O PROCESSO DE ABERTURA DE IMPEACH-
MENT DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF:
UMA ANÁLISE DO ENQUADRAMENTO MI-
DIÁTICO DA FOLHA DE SÃO PAULO**

MAYRA REGINA COIMBRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
JUIZ DE FORA, MINAS GERAIS, BRASIL
MAYRARCOIMBRA@GMAIL.COM

MARIANE MOTTA DE CAMPOS
UNIVERSIDADE PAULISTA
SÃO PAULO, SÃO PAULO, BRASIL
MARIANEMOTTADECAMPOS@HOTMAIL.COM

LUIZ ADEMIR DE OLIVEIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
SÃO JOÃO DEL-REI, MINAS GERAIS, BRASIL
LUIZOLI@UFSJ.EDU.BR

O PROCESSO DE ABERTURA DE IMPEACHMENT DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF: UMA ANÁLISE DO ENQUADRAMENTO MIDIÁTICO DA FOLHA DE SÃO PAULO

Resumo: O artigo analisa o posicionamento da imprensa brasileira e as imagens construídas da ex-presidente Dilma Rousseff e de seu governo, no dia em que Eduardo Cunha acatou o pedido de abertura de *Impeachment*. O objeto de análise são as notícias veiculadas no jornal Folha de São Paulo, visto que é um dos veículos de grande referência nacional. O artigo vai discutir como a mídia organiza os acontecimentos e constroem narrativas políticas, através da discussão de enquadramento midiático e a interface entre mídia e política.

Palavras Chave: Enquadramento; *Impeachment*; *Folha de São Paulo*.

EL PROCESO DE APERTURA DE IMPEACHMENT DE LA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF: UN ANÁLISIS DEL ENCUADRAMIENTO MEDIÁTICO DE LA FOLHA DE SÃO PAULO

Resumen: El artículo analiza el posicionamiento de la prensa brasileña y las imágenes construidas de la ex presidenta Dilma Rousseff y de su gobierno el día en que Eduardo Cunha acató el pedido de apertura de *Impeachment*. El objeto de análisis son las noticias publicadas en el diario Folha de São Paulo, ya que es uno de los vehículos de mayor referencia nacional. El artículo va a discutir cómo los medios de comunicación organizan los acontecimientos y construyen narrativas políticas, a través de la discusión de encuadramiento mediático y la interfaz entre medios y política.

Palabras Clave: Encuadramiento; *Impeachment*; *Folha de São Paulo*.

THE PROCESS OF OPENING IMPEACHMENT BY PRESIDENT DILMA ROUSSEFF: AN ANALYSIS OF THE MEDIA COVERAGE OF FOLHA DE SÃO PAULO

Abstract: This article analyzes the position of the Brazilian press and the images constructed of former president Dilma Rousseff and her government, on the day Eduardo Cunha accepted the request to open *Impeachment*. The object of analysis is the news published in the newspaper Folha de São Paulo, since it is one of the vehicles of great national reference. The article will discuss how the media organizes events and builds political narratives, through the discussion of media framework and the interface between media and politics.

Key-word: Framework; *Impeachment*; *Folha de São Paulo*.

1 INTRODUÇÃO

A comunicação atingiu atualmente um espaço de centralidade na vida das pessoas. O jornalismo através de sua produção constante de notícias sobre o que acontece aqui ou do outro lado do mundo exerce o papel de construtor da realidade. Ou seja, ele organiza o caos em que vivemos, reúne os acontecimentos principais, pauta nossas conversas e dá sentido ao mundo.

Diante da força crescente dos instrumentos midiáticos na vida em sociedade, nota-se como os campos sociais e os indivíduos estão em constante luta pela disputa de espaço e visibilidade. O campo político é um desses exemplos claros, no qual seus personagens necessitam se fazer serem vistos e serem reconhecidos, a fim de que tenham legitimidade diante de seus públicos. Nota-se portanto, que o campo midiático se transformou em uma instituição que abriga todos os outros campos sociais (Bourdieu, 1986), sendo função do primeiro mediar os outros campos que recorrem a ela. Por exemplo, a política não se faz ser entendida por todos se estiver no seu espaço. A partir do momento que ela recorre à mídia ela passa a fazer sentido e existe para as outras pessoas que não tem total domínio sobre o assunto (RODRIGUES, 1990).

Uma vez dito isto, é importante compreender o papel do campo midiático, tendo em vista a centralidade desses na sociedade moderna. São eles quem pautam, enquadram, recortam, selecionam e organizam a realidade, conforme seus valores, princípios ideológicos e normas jornalísticas. Diferentemente do que se afirmava no passado, o jornalismo não pode ser compreendido como uma atividade objetiva, reflexo da realidade (TRAQUINA, 2004).

Acredita-se que a realidade é um território demasiadamente extenso e complexo, que nem mesmo se os jornalistas quisessem conseguiriam relatar um fato em toda sua extensão. Ele precisa fazer recortes, selecionar alguns aspectos em detrimento de outros. Ao realizar essa tarefa, ele deixa de lado outras tantas versões e possibilidades de enquadramento daquele fato. É uma tarefa arbitrária. Através dessa prática ele acaba por orientar a percepção pública acerca dos acontecimentos da vida social, lançando sobre eles avaliações pessoais, ao mesmo tempo que recomenda determinadas formas de ação e sentimento em relação ao evento enquadrado (ENTMAN, 1993).

Ao tratarmos do processo da mídia como construtora da realidade e do enquadramento midiático durante eventos sociais, o presente artigo bus-

ca compreender como o Jornal Folha de S. Paulo se posicionou durante a decisão de Eduardo Cunha, que consistia na abertura do processo de Impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Compreender quais os recortes foram utilizados, quais fatos foram selecionados e quais foram deixados de lado são os objetivos principais deste trabalho. Para tanto, será adotada como metodologia a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A imprensa sob a perspectiva construcionista

Compreender qual o papel desempenhado pelo jornalismo e também pelos jornalistas em nossa sociedade trata-se de uma tarefa que instigou diversos pesquisadores. Berger e Luckmann (1985), em sua obra *A construção social da realidade*, partem da Sociologia do Conhecimento para compreender as relações entre o pensamento humano e o contexto social no qual está inserido. Para os autores, o ser humano é um ser sociável, que ocupa um lugar privilegiado dos demais seres, uma vez que consegue instaurar-se em uma vida em sociedade, através da linguagem. Ou seja, o homem diferentemente dos animais, é um ser capaz de viver em sociedade, adaptar-se facilmente a lugares e ambientes e por meio da linguagem apreender e produzir conhecimento.

Para os autores, o ser humano estabelece uma relação dialética com a sociedade: ao mesmo tempo que o homem constrói e molda a sociedade, ele é por ela influenciado e conseqüentemente por ela é moldado. Ele não são apenas produtos do meio, assim como afirma Durkheim (1999) mas também são produtores capazes de modificar a ordem social na qual estão inseridos: "A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente" (BERGER & LUCKMANN, 1985, p.35). Esta relação paradoxal é um processo contínuo no desenvolvimento social.

Nessa perspectiva de indivíduo e sociedade podemos incluir um terceiro personagem: a mídia. Vera França (2012) afirma que esta é uma instância que institui e também é instituída pelo social. Ao discutir a mídia como um dos lugares nos quais surgem e se produzem os acontecimentos, a autora confirma a tese de que os aparatos midiáticos são importantes instrumentos de estudo para compreensão da construção da realidade. França (2012) enxerga a mídia como instância que faz parte da sociedade: "É uma

das instituições da sociedade, e congrega os múltiplos dispositivos através dos quais essa sociedade produz e faz circular suas informações" (FRANÇA, 2012, p.11). Diferentemente de outros pesquisadores, que acreditam que mídia e sociedade seriam duas instâncias separadas.

Para a autora, a mídia tornou-se um espaço privilegiado no qual a sociedade é capaz de falar consigo mesmo e também falar de si mesma. O que marca este espaço são os acontecimentos¹, matéria prima do jornalismo que se constrói exatamente em torno deles. Ao jornalista cabe a tarefa de farejar, identificar e então narrar. Segundo França (2012), nossas narrativas sociais são construídas em torno dos acontecimentos, quando estes adquirem uma nova vida, uma segunda vida: "Transformados em narrativas, os acontecimentos passam a existir também como discurso, representação" (FRANÇA, 2012, p.14).

França (2012) explica que durante muito tempo prevaleceu a convicção em uma teoria que enxergava a mídia e o jornalismo como um instrumento que acolhe e repercute os acontecimentos do mundo, a teoria do espelho. No entanto, contemporaneamente surgiu uma explicação contrária a esta, que por sua vez acentua a centralidade da mídia diante do mundo: a perspectiva construcionista. Nesta teoria, o acontecimento é aquilo que o jornalismo constrói, o que implica a supressão do acontecimento em sua dimensão primária: "Não é o impacto do acontecimento que importa - ou sequer se ele aconteceu, mas a construção midiática em torno dele" (FRANÇA, 2012, p.15).

2.2 Frame: uma questão de enquadramento

Além da influência da mídia na sociedade, outra abordagem que também precisa ser compreendida no processo de produção social é a atividade jornalística. A teoria da comunicação que tem sido muito utilizada para compreender esse fenômeno na atualidade é a teoria do enquadramento (framing). O desenvolvimento deste enfoque ainda é muito recente, no entanto tem mobilizado os estudos no campo da comunicação política. Esta teoria tem oferecido uma nova perspectiva para compreendermos o papel da mídia na atualidade. Segundo as teorias iniciais do jornalismo, o papel da mídia era compreendido como o de informar os cidadãos e servir à democracia, de

1 O conceito de acontecimento adotado por Vera França são os fatos que ocorrem a alguém; que provocam a ruptura e desorganização, que introduzem uma diferença.

forma objetiva e imparcial. No entanto, para Porto (2004), esse paradigma encontra-se em declínio, pois não é suficiente para compreendermos a relação da comunicação com o mundo exterior. Logo, o enquadramento é percebido como um novo enfoque teórico possível para superar as limitações do "paradigma da objetividade".

Para traçarmos essa nova perspectiva baseada na teoria do enquadramento, vale resgatarmos o surgimento do conceito, que foi desenvolvido inicialmente pelo sociólogo Erving Goffman, em sua obra *Frame Analysis*. Segundo Goffman (1986), enquadramentos são princípios de organização que governam os eventos sociais e nosso envolvimento nestes eventos. Para ele, tendemos a perceber os acontecimentos a nossa volta de acordo com os enquadramentos que nos permitem responder à pergunta: "O que está ocorrendo aqui"? Dessa forma, o conceito pode ser entendido como marco interpretativo mais geral construído socialmente, permitindo com que as pessoas enxerguem sentido nos eventos e nas situações sociais.

Segundo Porto (2004), a primeira aplicação do conceito de enquadramento nos estudos de comunicação surgiu no livro *Making News* da socióloga Gaye Tuchman (1978), baseado no enfoque dado pelo também sociólogo Goffman. Tuchman argumenta que as notícias impõem um enquadramento, que por sua vez define e constrói a realidade social. "As notícias são um recurso social cuja construção limita um entendimento analítico da vida contemporânea" (TUCHMAN, 1978, p.215, apud PORTO, 2004, p.5).

Porto (2002) afirma, ainda, que os enquadramentos foram compreendidos como recursos responsáveis por organizar o discurso através de práticas de seleção, ênfase, exclusão, entre outros, que tem como consequência a construção de uma, dentre várias interpretações possíveis.

Os enquadramentos da mídia [...] organizam o mundo tanto para os jornalistas que escrevem relatos sobre ele, como também em um grau importante, para nós que recorreremos às suas notícias. Enquadramento da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira (GITLIN, 1980, p.7, apud, PORTO, 2002, p.6).

Segundo Porto (2002), outro autor que também faz uma revisão sobre os estudos de enquadramento de mídia é Entman (1993). Ele apresenta uma definição do conceito que resume de forma sistemática os principais aspectos

tos desta teoria.

O enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-las mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito (ENTMAN, 1993, p. 294, apud, PORTO, 2002, p.7).

Dessa forma, compreender os diferentes enquadramentos do jornal Folha de S. Paulo, ao selecionar alguns aspectos durante o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, torna-se importante diante do papel de centralidade da mídia.

3 UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF E DE SEU GOVERNO SEGUNDO O ENQUADRAMENTO MIDIÁTICO DA FOLHA DE SÃO PAULO

3.1 Metodologia, Corpus de Análise e Conjuntura Política

O artigo trata-se de um estudo de caso que analisa o posicionamento da imprensa brasileira e a imagem construída da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) e de seu governo através do enquadramento midiático feito pelo jornal Folha de S. Paulo, tendo como recorte, um momento considerado crucial para o início do processo de Impeachment: A aceitação do pedido pelo ex-presidente da Câmara, Eduardo Cunha, em 2 de dezembro de 2015. Considerando que os jornais precisam seguir determinadas regras editoriais, como o prazo para o fechamento, e grande parte dos acontecimentos são desdobrados nos dias seguintes, tornou-se necessário, para melhor compreensão, analisar o material do jornal no dia posterior a este acontecimento.

Para situar a análise que virá a seguir, é importante tecer algumas considerações sobre a conjuntura política que perpassou o cenário em que se dá essa pesquisa. No dia 26 de outubro de 2014, após a campanha mais acirrada desde a eleição de 1989, Dilma Rousseff, candidata do Partido dos Trabalhadores (PT), foi reeleita presidente do Brasil com 51,6% dos votos válidos, em uma disputa acirrada com Aécio Neves, candidato do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

A reeleição apertada deixou o país dividido no contexto político, gerando uma polarização. De acordo com os Institutos de Pesquisa Ibope e Da-

tafolha, a popularidade da presidente foi caindo com o andamento de seu governo e os desdobramentos da Operação Lava Jato que investigou políticos suspeitos de corrupção, a maioria pertencente a partidos aliados do governo. A situação agravou-se ainda mais com a eleição em primeiro turno do deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ), em fevereiro de 2015, com 267 votos - mais da metade dos deputados - e o apoio de 14 partidos políticos, apesar da intensa mobilização do Palácio do Planalto, que era contrário à eleição do peemedebista. O deputado era considerado opositor da presidente Dilma Rousseff, com quem sempre teve uma relação conflituosa. A eleição de Eduardo Cunha pôs fim a um acordo de revezamento no comando da Casa entre PMDB - PT. Conhecido por ser um ferrenho crítico da então presidente da República, Dilma Rousseff, Cunha deu o tom de como seria a relação com o Palácio do Planalto já no primeiro dia em que foi eleito. Durante o seu discurso afirmou que esta não seria uma Câmara de oposição, nem mesmo uma Câmara submissa ao governo.

O bom relacionamento entre Cunha e o Planalto não se perpetuou, pois à medida que se avançava a operação Lava Jato, que investiga o esquema de corrupção na Petrobras, o nome de Cunha apareceu como suspeito de ser beneficiado de desvio de dinheiro público. Como resposta, ele defendia que havia uma orquestração do Ministério Público em consonância com o governo a fim de incriminá-lo. Em um discurso oficial, Eduardo Cunha declarou o rompimento com o governo.

O ponto alto do embate envolvendo Cunha e o governo se deu em dezembro de 2015, quando ele aceitou o pedido de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Segundo o noticiário político, anterior à aceitação do processo, Eduardo Cunha negociava com o governo e com a oposição na tentativa de preservar seu mandato. Como “moeda de troca”, no caso de ser absolvido do processo de cassação, poderia usar seu poder para abrir ou não o processo de impeachment contra Dilma Rousseff. No entanto, o Partido dos Trabalhadores preferiu não assumir o desgaste público e anunciou que votaria na instauração do processo. No mesmo dia, o peemedebista convocou a imprensa para anunciar a abertura do processo contra a presidente, apesar de negar que este fato tivesse relação com seu caso no Conselho de Ética.

3.2 Uma análise quantitativa sobre o posicionamento do jornal Folha de S. Paulo

A matéria de capa do dia 2 de dezembro de 2015 não mencionou os bastidores do processo de abertura do *impeachment* da ex-presidente. Apenas no dia posterior é que a notícia tornou-se capa do jornal. Ao total, foram 34 matérias analisadas. Entre as matérias selecionadas estão aquelas que direta ou indiretamente mencionam ou estão relacionadas com a figura da ex-presidente Dilma Rousseff e/ou com a imagem de seu governo. Destas, 18 matérias foram publicadas no dia 2 e 16 foram publicadas no dia 3 de dezembro, conforme explica o quadro 1.

Quadro 1 – Matérias analisadas do Jornal Folha de S. Paulo

Data	Matéria de capa	Nº de matérias que mencionam Dilma ou seu governo
02 de dezembro de 2015	Economia afunda em crise histórica	18 matérias
03 de dezembro de 2015	Cunha retalia PT e acata pedido de Impeachment contra Dilma	16 matérias

Fonte: autoria própria

Das 34 matérias analisadas entre os dias 2 e 3 de dezembro, 16 estavam na sessão de Poder do jornal, 10 notícias estavam na sessão Mercado, 7 na sessão de Opinião e apenas 1 na sessão Mundo. Do total analisado, oito matérias aparecem em destaque nas capas dos jornais. A matéria de capa do dia 2 de dezembro é negativa em relação ao governo Dilma Rousseff. O título da matéria "Economia afunda em crise histórica" já constrói a realidade, na cabeça do leitor, de que o país está afundando em uma crise jamais vista. A utilização das palavras e expressões como "derrocada econômica", "recessão mais duradoura", "cenário de deterioração deve continuar", "fracasso do ajuste fiscal do governo" auxiliam na construção do imaginário de que o governo em questão está descontrolado e a ponto de ruir.

Já a matéria de capa do dia 3 de dezembro, pode ser considerada positiva. Com o título "Cunha retalia PT e acata pedido de impeachment contra Dilma" o jornal já expressa no início que a ex-presidente e seu partido sofreram retaliação do ex-presidente da Câmara ao não aceitarem uma troca de favores, que constituía na absolvição de Cunha do processo de cassação, por meio do voto de três deputados do PT, que integram o Conselho de Ética. Abaixo do título, o jornal acrescenta o discurso de defesa de Dilma, que também esteve presente ao longo de todo texto de capa. Inclusive as

falas em que a presidente o acusa indiretamente por suspeita de desvio de dinheiro e contas no exterior.

Das 34 matérias analisadas, a maior parte delas, 19, apresentam enquadramento negativo. O número equivale a aproximadamente 56% do total. As matérias de enquadramento positivo somam um total de 8 matérias, equivalente a 23%. O enquadramento de matérias consideradas neutras foi de 7, 20%. França (2012) explica que o acontecimento é, hoje, aquilo que o jornalismo constrói, ou seja, as pessoas tomam como verdade aquilo que a mídia mostra. Não importa se o acontecimento é real, ou se ele aconteceu de fato. Importa a construção midiática que se faz deste acontecimento. Quando a mídia elucida fatos negativos sobre a ex-presidente, seu governo, suas políticas, seu partido e seus aliados ela constrói uma realidade, considerada a única possível. Ela cria um fator de verdade sobre aquilo que ela noticia. Se ela noticia os fatos, em sua maioria, de forma negativa, ela cria verdades que servem para corroborar com o ideal negativo que se tem do país, do governo ou da ex-presidente.

Diante desse fato, Erving Goffman (1986) corrobora a discussão ao afirmar que enquadramentos são princípios de organização que governam os eventos sociais e nosso envolvimento nestes eventos. Se o jornalista enquadra acontecimentos como este analisado, a abertura do processo de *impeachment*, através de uma prática de seleção, ênfase e exclusão de forma arbitrária, deixando de fora outros fatos, outras falas, outros pontos, ele está contribuindo para a organização de um evento social diferente do que ele é de fato, e sim conforme ele é selecionado pelo olhar de quem escreve.

Quadro 2 – Valência das matérias analisadas

Data	Sessão do jornal	Título da matéria	Está na capa	Enquadramento
02/12/2015	Opinião	Editoriais - Colapso	SIM	-
02/12/2015	Opinião	Cenas de chantagem explícita - Bernardo Mello Franco	NÃO	+
02/12/2015	Opinião	Risco - Antônio Delfim Netto	NÃO	-
02/12/2015	Opinião	Painel do Leitor - Delcídio não traiu o PT e o governo Dilma, mas seus eleitores, diz leitor	NÃO	-
02/12/2015	Poder	Governo deixará digitais se PT ajudar a salvar Cunha no Conselho de Ética	NÃO	-

02/12/2015	Poder	Meu nome é José Carlos, não é 'amigo de Lula', diz Bumlai à CPI	NÃO	-
02/12/2015	Poder	Pressão do Planalto para salvar Cunha de cassação divide o PT	NÃO	-
02/12/2015	Poder	Justiça aceita queixa de Lula contra comentarista da TV Cultura	NÃO	-
02/12/2015	Poder	Rui Falcão pede a deputados petistas que 'não acabem com imagem' do PT	NÃO	o
02/12/2015	Mercado	Economia brasileira cai 1,7% no 3º trimestre e prolonga recessão	SIM	-
02/12/2015	Mercado	Construção pesada demite 11,5 mil em 12 meses	NÃO	-
02/12/2015	Mercado	Com importação em queda, Brasil tem superavit de US\$1,2 bi em novembro	NÃO	+
02/12/2015	Mercado	Queda do Brasil é a mais forte e mais longa entre economias globais	NÃO	-
02/12/2015	Mercado	Consumo das famílias cai 1,5% com piora de emprego e renda	NÃO	-
02/12/2015	Mercado	O Brasil está em estado de choque - Vinicius Torres Freire	NÃO	-
02/12/2015	Mercado	Indicadores projetam deterioração do PIB ainda maior que no 4º trimestre	SIM	-
02/12/2015	Mercado	Para governo federal, recessão traz risco de 'ruptura' no próximo ano	NÃO	-
02/12/2015	Mercado	Economia brasileira deve andar para trás até 2018, diz presidente do BC	NÃO	-
03/12/2015	Opinião	Editoriais - O vício contra o vício	SIM	o
03/12/2015	Opinião	Editoriais - Os efeitos da bomba - Mello Franco	SIM	+
03/12/2015	Opinião	Painel do Leitor - Quem tem Cunha como aliado não precisa de inimigo	NÃO	-
03/12/2015	Poder	Dilma muda rotina e desabafa com auxiliares após anúncio de Cunha	NÃO	+
03/12/2015	Poder	Eduardo Cunha acata pedido de impeachment contra Dilma Rousseff	SIM	-
03/12/2015	Poder	Opinião - Caia quem caia	NÃO	-

03/12/2015	Poder	Antes de Collor, só Getúlio teve pedido de impeachment levado à Câmara	NÃO	o
03/12/2015	Poder	Dilma Rousseff se diz 'indignada' e ataca Cunha, leia pronunciamento	SIM	+
03/12/2015	Poder	Decisão sobre processo divide líderes sindicais e empresariado	NÃO	o
03/12/2015	Poder	Análise - Dilma terá de reagrupar suas tropas para barrar impeachment	NÃO	-
03/12/2015	Poder	Antes de ação de Cunha, Temer tratou da saída de Dilma com a oposição	NÃO	o
03/12/2015	Poder	É inimaginável trocar impeachment por cassação, diz ministro do STF	NÃO	o
03/12/2015	Poder	Movimentos prometem ir à rua por Dilma	NÃO	+
03/12/2015	Poder	Na encruzilhada escura - Jânio de Freitas	SIM	+
03/12/2015	Mundo	O empurrão para o abismo - Clóvis Rossi	NÃO	+
03/12/2015	Mercado	Os negócios do impeachment - Vinicius Torres Freire	NÃO	o

Os símbolos a seguir significam: + (enquadramento positivo), - (enquadramento negativo), o (enquadramento neutro)

Fonte: autoria própria

3.3 Uma análise qualitativa sobre o posicionamento do jornal Folha de São Paulo

3.3.1 A imagem da ex-presidente e de seu governo no jornal Folha de São Paulo

A principal imagem da ex-presidente Dilma Rousseff, construída pelo jornal, é de uma presidente marcada pela ausência de protagonismo e descontrole. Os poucos momentos em que o jornal deu espaço para a exposição de sua imagem ele o fez na perspectiva de uma governante sem apoios, sem voz, sem ação e sem estratégia. A imagem de uma presidente agressiva também é apontada pelo jornal, principalmente quando ela se defende das acusações feitas por Eduardo Cunha. Sua defesa é colocada como um ataque ao seu adversário. O jornal também explora o protagonismo de seu antecessor, Luiz Inácio Lula da Silva, que aparece de forma mais contundente do que a mesma. No entanto, ele aparece sempre sobre um enquadramento

negativo.

Em alguns poucos momentos, o jornal apresenta a imagem da ex-presidente de forma mais branda, como se ela fosse uma vítima da fúria de Eduardo Cunha, que resolveu retaliar sua ação pela ausência de apoio dos deputados petistas no Conselho de Ética. No entanto, a exposição dessa imagem é colocada em contrapartida com as notícias constantes de problemas e crises no governo. Em alguns momentos, a saída de Dilma Rousseff aparece como uma única solução para a resolução do problema e da estagnação que o país se encontra.

O jornal explora em maior número a imagem do governo da ex-presidente e do partido da mesma. Esta imagem é ainda mais negativa que a primeira. O governo é colocado como um fiasco, algo sem solução, um problema nunca antes visto, um pesadelo sem precedentes. O jornal não menciona qualquer enquadramento positivo em relação ao governo. Nenhuma reportagem aponta ou demonstra otimismo. Fatos favoráveis ao governo também são ocultados. O público só tem dimensão dos aspectos negativos de sua gestão. E o partido político da ex-presidente aparece como um mal, um agravo para a situação vivenciada.

3.3.2 Personagens

O personagem mais citado pelo jornal Folha de São Paulo foi o ex-presidente da Câmara, Eduardo Cunha. Seu nome apareceu 132 vezes nas matérias analisadas. Na maior parte, esteve presente de forma negativa. O jornal o coloca como chantagista, que agiu movido pelo risco de perder seu mandato. O jornal não poupa o peemedebista das acusações graves a que ele está sendo indiciado. O nome de Cunha ainda aparece atrelado a imagem do Partido dos Trabalhadores e de deputados petistas. O jornal esboça a existência de uma ruptura no partido decorrente da discordância que existe entre seus representantes de absolver o presidente da Câmara no Conselho de Ética.

O segundo personagem mais citado é a ex-presidente Dilma Rousseff, 103 vezes. Além do assunto de um provável processo de *impeachment*, o nome de Dilma Rousseff está mais frequentemente disseminado em reportagens sobre o descontrole de seu governo e a crise econômica e política enfrentada por ela. A desesperança com o futuro, a estagnação do país, a crescente queda da economia, as demissões em massa, a importação em queda, a inflação em alta, a piora no mercado de trabalho são os temas mais

recorrentes em que o nome da ex-presidente aparece associado. As possíveis ferramentas de Dilma Rousseff para salvar seu mandato se aliando a Cunha também é outro tema em que o nome da ex-presidente se associa. Em alguns momentos, mais precisamente nas notícias de cunho opinativo a imagem da ex-presidente é apresentada como a de uma governante que não apresenta nenhuma suspeita sobre sua conduta. Esse processo é resultado, portanto de uma vingança pessoal de Cunha.

O terceiro personagem mais acionado é o Partido dos Trabalhadores, com 40 menções. O enquadramento que se dá do partido é negativo. Quase sempre está associado a notícias de corrupção de membros, sempre fazendo associação com a imagem do ex-presidente Lula e da ex-presidente Dilma Rousseff. Nos artigos de opinião as críticas são demasiadamente duras, elas caracterizam o partido como órgão marcado pela ausência de ética e seriedade. A incompetência dos seus governos também é outra estratégia de associação de imagem. Esta, por sua vez, é colocada em cheque o tempo todo, quando são produzidas notícias que apontam na possibilidade de membros do partido absolverem Eduardo Cunha em troca da não abertura do processo de *impeachment*.

O ex-presidente Lula é o quarto personagem mais acionado, aparece 23 vezes ao longo das matérias analisadas. Sua imagem está frequentemente associada a pessoas investigadas por corrupção. No painel do leitor, onde são selecionados comentários sobre reportagens anteriores, é possível observar até mesmo acusações de leitores indignados com o fato do ex-presidente ainda não ter sido preso. Em nenhum momento seu nome esteve associado a alguma conquista ou avanço de governo. Seu nome é colocado em uma das reportagens como o maior defensor de um acordo com Cunha para barrar o processo de *impeachment*.

Economistas, analistas e pesquisadores somam um total de 22 citações e estão em quinta colocação na lista de personagens mais citados. Eles aparecem o tempo todo nas matérias sobre economia e todos apresentam comentários pessimistas em relação a situação enfrentada pelo país. Alguns argumentos que auxiliam no enquadramento negativo da economia, através da fala de especialistas são: "O resultado é pior do que o esperado", "a queda mais longa e mais forte", "fraco desempenho da economia", "a mais longa sequência desde o ano de 1990, quando o governo Collor confiscou o dinheiro depositado na caderneta de poupança".

Michel Temer, por sua vez, foi pouco citado. Aparece apenas em 19 men-

ções. Sua imagem não é trabalhada pelo jornal. Aparece mais como o vice-presidente de Dilma Rousseff. Em uma reportagem intitulada "Antes de ação de Cunha, Temer tratou da saída de Dilma com a oposição", Michel Temer é colocado como um articulista que se reuniu com atores políticos de seu partido e programou ações para serem aplicadas após a saída da petista. Abaixo podem ser verificados os outros personagens citados e as menções de cada um deles.

Quadro 3 – Personagens citados nas matérias

Personagem	Número de vezes citado
Eduardo Cunha	132
Dilma	103
PT	40
Luis Inácio Lula da Silva (Lula)	23
Economistas/Analistas/Pesquisadores	22
Michel Temer	19
José Carlos Bumlai	15
Rui Falcão; Fernando Collor de Mello; Deputados do PT	13
Governo; Marco Antônio Villa	10
Getúlio Vargas	9
Delcídio Amaral	7
Zé Geraldo (deputado); Joaquim Levy; IBGE	6
Petistas	5
Marco Aurélio Mello; João Pedro Stedile	4
PMDB; PSDB; Guilherme Boulos	3
Assessores presidenciais; Renan Calheiros; Ronaldo Caiado; Hélio Bicudo; Paulo Cesar Farias (PC); Antônio Britto; Jacques Wagner; José Serra; Fernando Henrique Cardoso (FHC); Ministros do STF; Geraldo Alckmin; Arthur Lira; Claudia Dionísio; Ministério da Fazenda; IBGE; Fundação Getúlio Vargas; DEM; senadores	2

Mendonça Filho; Paulo Okamoto; Roberto Teixeira; Cristiano Z. Martins; Janaína Paschoal; José Pimentel; Carlos Lacerda; Gregório Fortunato; Carlos Pastoriza; Humberto Barbato; Itamar Franco; Paulo Skaf; Miguel Torres; Ricardo Patah; Aloysio Nunes; Tasso Jereissati; Fernando Bezerra; Agripino Maia; Ricardo Ferraço; Waldemir Moka; Vagner Freitas; Paulo Teixeira; Leo de Brito; Valmir Prascidelli; Nelson Barbosa; Henrique Meireles; Banco Central; FMI; PSD	1
---	---

Fonte: autoria própria

3.3.3 Temáticas

As temáticas mais exploradas pelo jornal nestes dois dias analisados (2 e 3 de dezembro de 2015) foi a abertura do processo de *impeachment* (com 20 menções), seguido pela crise econômica (com 11 menções). Curiosamente, estes temas predominaram as edições dos jornais. A crise econômica foi o tema que destacou no jornal do dia 2 de dezembro, e o processo de abertura de *impeachment* predominou nas notícias do dia 3 de dezembro. Apesar do jornal tratar a atitude de Eduardo Cunha como uma retaliação ao governo, nota-se como há uma tentativa de justificar essa medida em decorrência dos números apresentados pela administração de Dilma Rousseff.

No dia 2 de dezembro, a Folha de S. Paulo apresentou um número considerável de reportagens que denunciava a crise econômica no Brasil e o descontrole do governo em administrar esses problemas. O desemprego, a diminuição dos índices de consumo das famílias, as quedas do PIB, as baixas nas indústrias, as demissões, o aumento de taxas e as projeções futuras para a economia fazem parte do enquadramento mais utilizado pelo jornal. Conforme argumenta Entman (1993), o enquadramento conferido a determinados assuntos tem importantes implicações nos processos que envolvem comunicação e política, uma vez que os enquadramentos trazem à tona certos aspectos da realidade em detrimento de outros aspectos que são obscurecidos.

Ao enquadrar somente os problemas do governo Dilma Rousseff, sem nem mencionar qualquer outro avanço, melhora ou previsão otimista, a mídia responsável por construir a realidade diante dos olhos da sociedade, endossa uma percepção que passa a ser a única possível, uma vez que o indivíduo não toma consciência de outra realidade. O seu processo quase

insignificante de participação política não o permite vislumbrar opinião diferente, uma vez que quase todo seu conhecimento sobre o que ocorre na vida social e política é dado pelo universo da comunicação jornalística.

Apesar de apontar a figura de Cunha como um articulador, chantagista, que agiu em decorrência de uma resposta a uma não ação de líderes petistas, fica evidente através de outras, matérias que essa talvez possa ser a saída ou até mesmo a solução para quebrar a estagnação que o país se encontra e extinguir a crise política. O recorte que o jornal faz do fato é que apesar de tudo, talvez o país realmente precise disso, ou seja, precisa que Dilma Rousseff se afaste e outra pessoa tome as rédeas da situação. Entman (1993) destaca que um "framing" é uma "marca de poder", pois por trás dele está as identidades dos autores e os interesses que o fazem dominar aquele contexto.

Quadro 4 – Enquadramentos realizados pelo jornal Folha de S. Paulo

Temática	Nº de vezes acionada
Abertura do processo de Impeachment	20
Crise Econômica	11
Cassação de Eduardo Cunha	3
Investigação/Corrupção	1
Outros	2

Uma mesma reportagem pode apresentar mais de uma temática.

Fonte: autoria própria

4 CONSIDERAÇÕES

A partir do levantamento e análises feitas nota-se como o enquadramento jornalístico é fundamental para a compreensão que se tem da realidade. As pessoas atualmente vivem em situações cotidianas demasiadamente estressantes, intensas e não tem controle sobre o que acontece de fato a sua volta. A sua disposição para questões públicas é ainda menor, devido aos problemas pessoais de sua vida. Não existe uma participação de fato, nem mesmo um interesse em se envolver com esses assuntos. É através da mídia que se constrói o imaginário de realidade, de verdade e de acontecimento.

Desta forma, quando o jornal Folha de S. Paulo adota um posicionamento arbitrário de enquadrar negativamente as ações do governo e da ex-presidente, ele exclui todas as outras possibilidades dissonantes de voz, de ação e de pensamento. A única certeza que se tem é aquela apresentada

pelo jornal. O indivíduo social consome e alimenta a ideia de que o governo está em total descontrolo, é uma crise jamais vista, a presidente não exerce mais nenhum protagonismo, está incapacitada de continuar governando. O governo por sua vez não tem feito nada de positivo, não tem nenhuma ação com que se orgulhar.

Quando o jornal não apresenta os fatos em sua totalidade ele não está conseguindo exercer com exatidão o papel de informar a sociedade o que acontece a sua volta. Ele está executando uma ação arbitrária, silenciando aspectos determinantes para a formação de outras concepções possíveis. Como a noção do público em relação ao que é ou não verdade, está intimamente relacionada com aquilo que a mídia noticia ou não, o jornal acaba reforçando a ideia de que esta é a única verdade existente. Quando ele não apresenta as vozes do governo ou da ex-presidente nas matérias ele está omitindo, deixando de lado uma parte da verdade.

Diante desses recortes o jornal contribui na forma como o público interpreta a realidade selecionada - o início do processo de abertura do processo de *impeachment*. É uma ação comunicativa dotada de poder, uma vez que os enquadramentos possuem papel proeminente nos processos democráticos ao controlar a percepção deste assunto político em questão.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- ENTMAN, Robert. "Framing U.S. coverage of international news: contrasts in narratives of the KAL and Iran Air incidents" *Journal of Communication*, Vol.41, 1993.
- FRANÇA, Vera. **O acontecimento e a mídia**. Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553, [S.l.], n. 24, dez. 2012. ISSN 198202553. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939/9406>>. Acesso em: 1 set.2017.
- GITLIN, Todd. **The Whole World is Watching**. Berkeley: University of California Press, 1980.
- GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis**. Boston: Northeastern University Press, 1986.
- PORTO, Mauro. P. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A.A. (Org.). **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador: EdUFBA, 2004.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Volume I -Porque as notícias são como são.

Florianópolis: Insular, 2004.

TUCHMAN, Gaye. Contando estórias. In: TRAQUINA, Nelson.(Org.). **Jornalismo, questões teóricas e estórias**. Lisboa: Ed. Vega, 1978.

Mayra Regina Coimbra

Graduada em jornalismo pela Universidade Federal de São João Del-Rei, doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

E-mail: mayrarcoimbra@gmail.com

Mariane Motta de Campos

Graduada em jornalismo pela Universidade Federal de São João Del-Rei, doutoranda em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP). Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

E-mail: marianemottadecampos@hotmail.com

Luiz Ademir de Oliveira

Mestre em Comunicação Social pela UFMG, mestre e doutor em Ciência Política pelo IUPERJ, é docente e pesquisador do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSJ e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UFJF.

E-mail: luizoli@ufs.edu.br